

09/09/97
17/18/97
Pataxó Hã Hã Hãe
706

Pataxó: batalha judicial está apenas começando ?

Tribo na Bahia chora a ausência de Galdino, que lutou para reaver as terras invadidas e se tornou o principal conselheiro M

de (31) Waldomiro Júnior

BRASÍLIA e SALVADOR. Um dia antes de o Brasil se escandalizar com o assassinato do índio pataxó Galdino Jesus dos Santos, queimado vivo, os americanos se chocaram com a história de dois garotos de Nova Jersey que, também "por diversão", assassinaram com oito tiros dois entregadores de pizza. Eles foram abatidos à queima-roupa ao chegar ao local onde deveriam deixar a suposta encomenda. Quatro meses depois, o Condado de Sussex, em Nova Jersey, e Brasília, acompanharam os processos dos jovens envolvidos nos crimes.

Em Brasília, o crime virou uma polêmica judicial, com poucas chances de acabar este ano. O Ministério Público promete entrar amanhã com recurso no Tribunal de Justiça para tentar fazer com que os quatro acusados maiores de idade respondam por crime de homicídio doloso (intencional) triplamente qualificado e sejam levados a júri popular. O objetivo é mudar a sentença da juíza Sandra De Santis Mello, presidente do Tribunal do Júri de Brasília, que desqualificou a acusação de homicídio para lesão corporal seguida de morte, o que transferirá o julgamento para uma vara comum. Em sua sentença, Sandra considera que eles não queriam matar o índio (os adolescentes alegaram que era uma brincadeira).

A pena cai do máximo de 30 anos (por homicídio) para o máximo de 12 (por lesão seguida de morte). O Ministério Público quer a pena de 30 anos, o máximo a que um brasileiro pode ser condenado por um crime. Mesmo que a promotoria consiga mudar a decisão da juíza, os advogados de defesa poderão recorrer, adiando ainda mais o julgamento. Se prevalecer a decisão de Sandra, os rapazes, que aguardam julgamento presos, poderão ser soltos em dois anos (beneficiados pela progressão de regime). O quinto acusado, menor, já cumpre pena de três anos numa instituição para infratores.

Galdino era líder ouvido até pelo cacique de sua tribo

Filho mais velho do casal Minervina e Juvenal, o índio Galdino começou cedo a assumir responsabilidades que ultrapassavam os limites da família. Ainda adolescente, ele se transformou nu-

ma das principais lideranças dos pataxós hã-hã-hãe na luta para reaver as terras invadidas por fazendeiros e acabou se tornando o principal conselheiro da tribo, a quem todos, inclusive o cacique Wilson de Jesus (seu sobrinho), ouviam sem contestar.

— Meu filho era uma pessoa calma e equilibrada, sem ódio no coração — descreve o índio Juvenal Santos.

Para a família numerosa (os pais, oito irmãos, a mulher, a filha, as três filhas adotivas e outras duas de um primeiro casamento), Galdino era o principal ponto de apoio. O índio assassinado em Brasília não apenas contribuía com a maior parcela de seu trabalho na lavoura e na casa de farinha, mas sobretudo os ensinava a manter a esperança e a sonhar com uma vida melhor.

— Era ele quem me mandava ir à escola aprender, comprava os cadernos para eu estudar. Sinto muito a sua falta — afirma Evanilze, filha de Galdino.

Viúva: "Todos os dias eu choro a morte do meu marido"

Ao contrário dos jovens que atearam fogo a seu pai, os sonhos de Evanilze não incluem aulas numa universidade. Aos 13 anos, ela está ainda na segunda série do Primeiro Grau, na escola mantida na reserva pela Funai. Se concluir as quatro séries do curso, privilégio de poucas crianças na tribo, ela vai se dar por satisfeita.

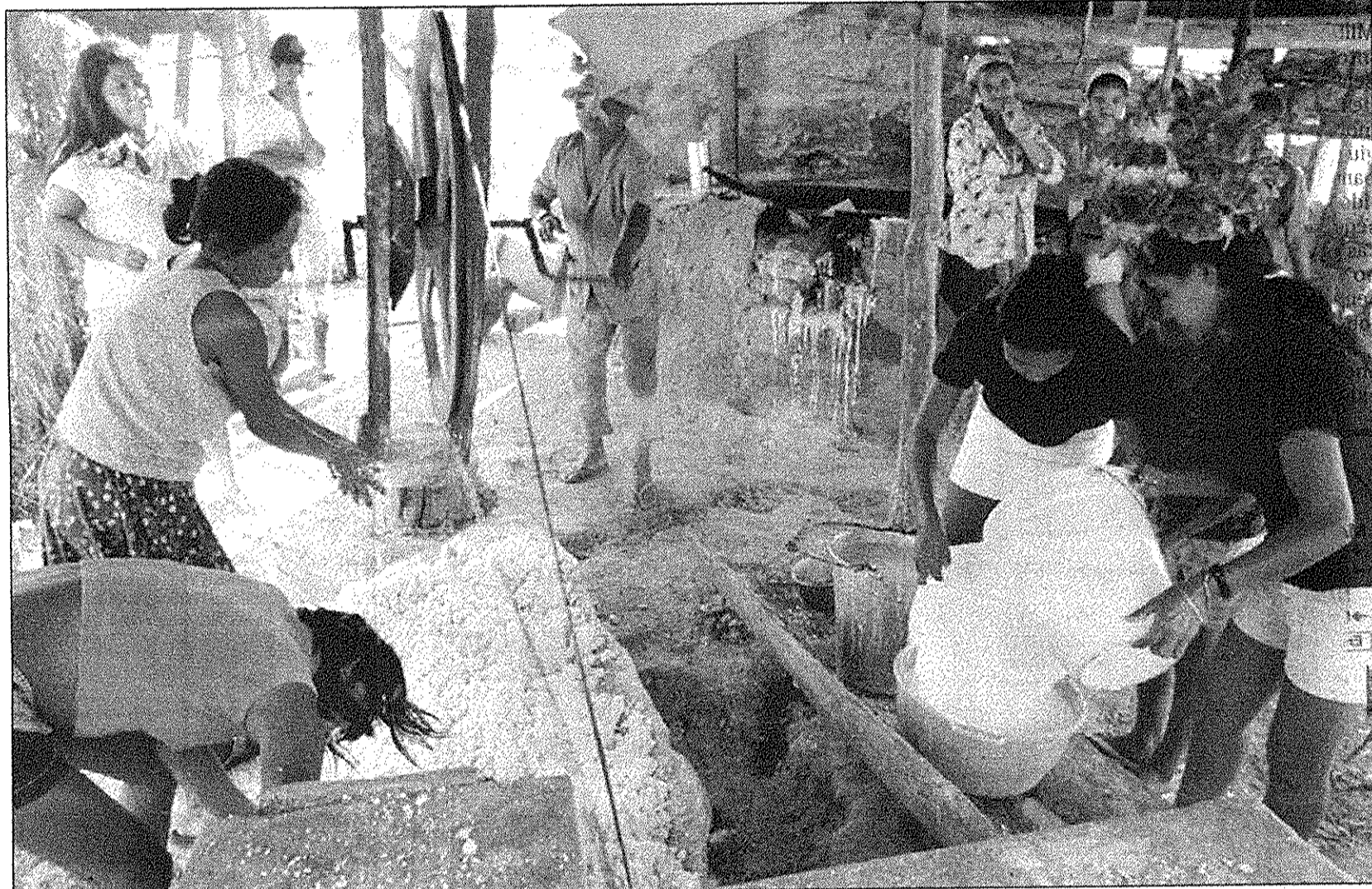
— Os professores só aparecem duas ou três vezes por semana e não ensinam muito bem — reclama a índia.

Da roça de feijão, milho e mandioca e da farinha fabricada no engenho artesanal montado pela Funai, Galdino tirava o sustento da mulher, das quatro filhas, vendendo nas feiras de Pau Brasil e Camacã. O máximo que conseguia era R\$ 20 por semana.

— Muitas vezes, ele chegava em casa com menos de R\$ 5. Mas nunca desanimava — afirma Genilda Rosa Campos, a viúva de Galdino.

Desde que o marido morreu, em 21 de abril, ela tem saído muito pouco de casa. Nem mesmo para trabalhar na roça ou na casa de farinha, como costumava fazer, acompanhando Galdino.

— Todo dia eu choro a morte do meu marido. Penso como vou fazer para acabar de criar minhas filhas e mergulho em completo desânimo — afirmou. ■



PARENTES DO ÍNDIO Galdino Jesus dos Santos trabalham na casa de farinha na aldeia em Pau Brasil, na Bahia: morte do pataxó é sentida até hoje

Bahia Imagens